



UNIVERSIDADE DO ESTADO AMAZONAS - UEA
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

PROFESSORA PARTICULAR SIM!

**O CUIDADO DE SI EM AULAS PARTICULARES DURANTE
A PANDEMIA COVID-19**

MANAUS – AM

2022

RENATA PEREIRA MAMEDE

PROFESSORA PARTICULAR SIM!

O CUIDADO DE SI EM AULAS PARTICULARES DURANTE A PANDEMIA COVID-19

Monografia apresentada a disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica II, do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito à conclusão do Curso e elaborado sob orientação da Profa. Dra. Caroline Barroncas de Oliveira.

MANAUS – AM

2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

R394pp Mamede, Renata Pereira
PROFESSORA PARTICULAR SIM! : O CUIDADO
DE SI EM AULAS PARTICULARES DURANTE A
PANDEMIA COVID-19 / Renata Pereira Mamede.
Manaus : [s.n], 2022.
39 f. : ; 21 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura -
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2022.
Inclui bibliografia
Orientador: Oliveira, Caroline Barroncas de

1. Cuidado de Si. 2. Aula Particular. 3. Auto
Narrativas. I. Oliveira, Caroline Barroncas de (Orient.). II.
Universidade do Estado do Amazonas. III.
PROFESSORA PARTICULAR SIM!

Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463

TERMO DE APROVAÇÃO

RENATA PEREIRA MAMEDE

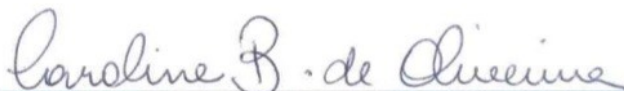
PROFESSORA PARTICULAR SIM!

**O CUIDADO DE SI EM AULAS PARTICULARES DURANTE A
PANDEMIA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Licenciatura em Pedagogia para
obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia da Universidade do
Estado do Amazonas da Escola
Normal Superior.

Manaus, 25 de outubro de 2022

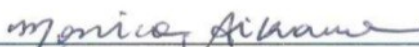
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Caroline Barroncas de Oliveira
Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ENS



Profa. Dra. Maria Edeluza Ferreira Pinto
Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ENS



Profa. Msc. Monica Silva Aikawa
Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ENS

*Dedico a minha mãe Iris aos meus filhos Rodrigo e Miguel, e
meu marido Fabian Antônio.*

*A maior riqueza do homem
É a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.*

*Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
Que puxa válvulas, que olha o relógio,
Que compra pão às 6 horas da tarde,
Que vai lá fora, que aponta lápis,
Que vê a uva etc. etc.*

*Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas
(Manoel de Barros)*

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço a Deus por ter me deixado chegar até este momento. Ele é o combustível da minha vida e fio condutor que trouxe até aqui.

Depois agradeço a minha mãe Iris Pereira da Silva por ter depositado todo seu amor e dedicação na criação de suas filhas. Foi por meio dela que despertou em mim o desejo de ser professora, de cursar uma universidade e de ensinar pessoas.

Também agradeço aos professores que marcaram a minha vida escolar e acadêmica. Vocês mudaram a minha vida.

Agradeço ao meu marido Fabian Antônio de Souza Silva por ter me incentivado a chegar ao final dessa jornada que eu já havia deixado de lado. Você me fez enxergar que posso sim ser mãe, estudante e professora. Foi uma longa jornada até chegarmos aqui. Não posso esquecer de citar meus filhos Rodrigo Mamede Silva e Miguel Mamede Silva, com vocês aprendi que a minha não termina na maternidade. Fiz mais coisas com dois filhos do que quando eu não tinha nenhum. Vocês são o meu orgulho e a minha alegria.

A professora Neylanne Pimenta que me resgatou para o encerramento desse ciclo e a professora Caroline Barroncas que me ouviu, me acolheu, me trouxe a compreensão de que as minhas vivências também fazem parte da minha construção como educadora.

RESUMO

O trabalho apresenta algumas reflexões originadas do objetivo de problematizar que aspectos do cuidado de si flui nos escritos de uma professora em formação, a partir da sua vivência em aulas particulares, durante a pandemia por COVID-19. Os objetivos específicos foram estudar sobre o cuidado de si em Foucault e a relação com a formação docente e o exercício do professorar em aulas particulares; Narrar acontecimentos decorrentes de aulas particulares a partir da vivência enquanto professora em formação, durante a pandemia COVID-19. Analisar aspectos do cuidado de si em enunciados oriundos dos acontecimentos decorrentes da narrativa de aulas particulares de uma professora em formação na pandemia Covid-19. Com reflexões sobre o impacto da pandemia em meio as aulas particulares e o cuidado de em Foucault, trago narrativas sobre como construí minhas aulas em meio ao período de isolamento e distanciamento social com crianças vivendo um período de incertezas no ensino escolar. Trata-se de uma pesquisa pós-crítica com aporte nos ensinamentos foucaultianos e centralizada nas narrativas (auto) biográficas que construíram essa jornada. Os aspectos do cuidado de si fluem em meio a construção de narrativas de aulas vivenciadas em um ambiente pandêmico de COVID-19 com sensibilidade, autorreflexão e uma busca incessante de processos pedagógicos inclusivos. Dessa forma, durante essas aulas foram construídos diálogos e vivências que contribuíram na formação de uma professora (re)aprendendo o seu ofício e tornando dele um fazedor de VOC-AÇÃO, isto é, uma ação do si em meio ao professorar em aulas particulares com singularidades.

Palavras-Chave: Cuidado de Si. Aula Particular. Auto narrativas.

SUMÁRIO

OI, TUDO BEM?.....	7
2 UMA (AUTO) CONSTITUIÇÃO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA POR COVID-19.....	10
2.1 AS AULAS PARTICULARES E SUAS PECULIARIDADES.....	13
2.2 O CUIDADO DE SI EM TEMPOS DIFÍCEIS.....	16
 3 UM PROFESSORAR NO MEIO DO CAOS.....	<u>21</u>20
3.1 CRIANÇAS ATENDIDAS E(M) SUAS PARTICU-(SINGU)LARIDADES.....	<u>23</u> 22
3.1.1 A criança Lucca.....	<u>24</u> 23
3.1.2 A criança Luana.....	2928
 CONSIDERAÇÕES MOMENTÂNEAS.....	<u>34</u>33
 REFERÊNCIAS.....	<u>35</u>34

OI, TUDO BEM?

É com você mesmo, peço alguns minutos de sua atenção para dialogarmos. Sei que nos cursos de Licenciatura em Pedagogia não falam tanto de mim, e pouco sou observada, posso até afirmar que não sou muito considerada como um ambiente em que a docência exista. É por isso, que este trabalho em questão se justifica pela necessidade que há na universidade de ampliar o campo de possibilidades dos professores em formação para os diferentes eixos profissionais e para que o docente possa voltar o olhar para suas práticas e o cuidado consigo.

Você deve estar se perguntando, mas quem é você?

E ti respondo: Sou as aulas particulares!

Muitos me chamam de reforço escolar ou outras denominações e somos uma realidade de muitos professores em todo o país, porém, durante a formação no curso de pedagogia nunca fui um tema abordado, tampouco, incentivado por outros professores. Desse modo, existe uma necessidade de voltar o olhar para esta área que sempre tem ficado no esquecimento entre os profissionais da educação, muitas vezes não sendo incentivado dentro do meio acadêmico. Por muitas vezes os professores de reforço ou de aula particular são vistos como menos professores por não dar aulas em uma classe formal.

Porém, são diversos os desafios que a classe do magistério enfrenta todos os dias. Desafios que vão desde classe multisseriada aos mais diversos transtornos de aprendizagem. Somos muitos, somos e queremos ser outros como nosso grande Manoel de Barros nos convida. Assim, neste espaço de investigação questionei: De que modo os aspectos do cuidado de si fluem nos escritos de uma professora em formação, a partir da sua vivência em aulas particulares, durante a pandemia por COVID-19?

E como desdobramento dessa questão problema, a pesquisa teve como objetivo geral: Problematizar que aspectos do cuidado de si flui nos escritos de uma professora em formação, a partir da sua vivência em aulas particulares, durante a pandemia por COVID-19. Os específicos, foram:

1- Estudar sobre o cuidado de si em Foucault e a relação com a formação docente e o exercício do professorar em aulas particulares;

2- Narrar acontecimentos decorrentes de aulas particulares a partir da vivência enquanto professora em formação, durante a pandemia COVID-19;

3- Analisar aspectos do cuidado de si em enunciados oriundos dos acontecimentos decorrentes da narrativa de aulas particulares de uma professora em formação na pandemia Covid-19.

A metodologia para este escrito se baseia nos estudos pós críticos, e utiliza o aporte teórico das teorias foucaultianas a respeito do cuidado de si. Destaca-se as narrativas de episódios como instrumento de coleta de dados. Também se configura como pesquisa autobiográfica, visto que, estarei analisando os aspectos do cuidado de si, por meio das minhas vivências como professora de aulas particulares em um recorte de 2020 quando vivíamos em um contexto pandêmico. Segundo Chaves, (2018, p. 56):

[...] a escrita de si é compreendida como processo formativo por que possibilita ao sujeito, autoconhecer-se, desalienar-se de si por meio da auto-reflexão criando um campo para o estabelecimento de novas bases interpretativas para as práticas profissionais, aqui particularmente a prática docente, e conseqüentemente para a (trans)formação delas.

Trago-lhes a perspectiva de uma professora em um espaço não-escolar e suas narrativas a respeito de suas vivências, medos e inseguranças durante um dos períodos mais críticos de nossa sociedade atual com a pandemia por COVID-19. No primeiro capítulo irei falar a respeito dos caminhos que me levaram a este momento como professora de aulas particulares. Irei falar-lhes sobre a minha (auto) constituição e como esse prazer por ensinar surgiu.

Também lhes apresentarei o conceito de aulas particulares em suas peculiaridades, trazendo as características do ensino individualizado, com o foco no desenvolvimento integral da criança. Apesar de não ser estimulado nas universidades, este é um tipo de ensino muito antigo que precede a instituição escolar. Ainda falarei sobre como os ensinamentos de Foucault a respeito do cuidado de si foram importantes para a construção dessa narrativa em meio ao caos.

No segundo capítulo irei lhes apresentar as narrativas desta discente enquanto professora de aulas particulares, no ano de 2020 em seus atendimentos

em meio ao período de distanciamento social e cancelamento das aulas presenciais na cidade de Manaus durante a Pandemia por COVID-19.

Trago o relato das vivências experimentadas com as crianças Lucca e Luana que foram acompanhadas e que me acompanharam. Em meio às adversidades vividas mostro como foi o meu professorar para eles e como suas particularidades influenciaram na minha jornada.

Sobre a criança Lucca irei falar a respeito do Transtorno de Déficit de Atenção e suas características individuais de aprendizagem enquanto criança vivendo um tempo de incertezas em meio as aulas on-line. Ao utilizar as ferramentas de cuidado de si, não falarei de (des)atenção, mas sim, da atenção como conservação na perspectiva do cuidado de si (FOUCAULT, 2006).

Com minha narrativa sobre Luana, abordarei a tristeza de uma criança solitária que não quer aprender a ler pois associa todo tipo de leitura a realização de atividades escolares. Em meio a uma montanha de tarefas, venho apresentar-lhe a leitura por deleite e o desenvolvimento de gosto por um gênero literário, a poesia.

Esses relatos fazem parte da construção de uma professora que encontrou no ensino individualizado, sua vocação. O reforço escolar e/ou as aulas particulares é uma realidade de muitos professores e crianças, pois não se limita a classes sociais porque cada um o pratica segundo suas condições financeiras. É com toda essa complexidade e abertura que convido você, leitor, a mergulhar nessa escrita de si e abrir sua percepção investigativa a este universo esquecido nas universidades.

2 UMA (AUTO) CONSTITUIÇÃO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA POR COVID-19

O questionamento a respeito de qual carreira deveria escolher sempre foi muito presente na minha vida, pois, sendo filha mais velha de uma mãe solo que criou três filhas mulheres sem ajuda paterna. Assim, me vi na obrigação de colaborar com minha família e a ter um futuro diferente. Esperavam isso de mim. Uns para dizer que eu fracassaria e iria repetir as escolhas erradas que minha mãe fez, outros, para celebrar a vitória da minha família.

Foi uma preocupação constante da minha mãe que eu estudasse em boas escolas. Apesar de não termos dinheiro para estudar em escolas particulares, sempre estudei em boas escolas públicas de nomes conhecidos como o EETI Djalma da Cunha Batista (estudei nos primeiros anos de tempo integral, antes de ser uma escola bilíngue) e o tradicional Colégio Amazonense Dom Pedro II, onde fiz o ensino médio. Em alguns momentos da minha vida escolar precisei fazer reforço escolar, e lá estava minha mãe, trabalhando ainda mais para que eu pudesse ter acesso a um ensino de qualidade.

Foi refletindo a respeito de todo esse esforço da minha mãe em proporcionar-me uma boa educação formal que comecei a gostar dessa esfera educativa. Foi no segundo ano do ensino médio que decidi que seria professora, mas no início, eu queria ser professora de língua portuguesa ou língua espanhola, porque eu sempre gostei muito de gramática, literatura, era muito boa em fazer redações, aprendi espanhol na escola e gostei muito, e eu já possuía um talento muito grande para ensinar. Seria a escolha perfeita!

No terceiro ano do ensino médio, em 2012, fui fazer a inscrição para o curso de letras para língua portuguesa e espanhola da UFAM, porém, não tinha na minha cidade, tive que mudar de opção pois seria inviável morar em outro lugar.

Em uma conversa com minha mãe, na hora de refazer a escolha do curso, surgiu a palavra pedagogia, e na época eu nem sabia direito o que era um pedagogo. Eu sempre vi nas escolas, mas nunca consegui identificar direito qual seria o seu papel e nem o que ele fazia.

A semente ficou plantada na minha cabeça e eu fui pesquisar sobre as funções e áreas de atuação do pedagogo. Inicialmente, eu não gostei muito porque

vi que o pedagogo trabalhava mais na área administrativa da escola e eu não queria isso. Comecei a me interessar quando pesquisei novamente no site da Universidade do Estado do Amazonas - UEA e vi que o pedagogo também trabalha na área de ensino nas salas de aula, foi nesse momento que tomei a decisão de me inscrever em pedagogia.

Como resultado de todo o esforço da minha mãe, eu consegui alcançar o terceiro lugar na aprovação do vestibular da UEA. Entrei na faculdade sem muitas esperanças a respeito do curso, eu gostei das disciplinas iniciais de história da educação, psicologia do desenvolvimento, sociologia da educação, mas eu ainda não tinha me visto naquela profissão.

Meu amor pelo curso apareceu no terceiro período quando eu participei do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), onde, pude ter noção de como é realmente o trabalho de um professor em sala de aula e na escola como um todo. Eu me encantei pelas crianças, pelo ensino e pela dinâmica em sala de aula. Mesmo não gostando muito da parte burocrática do trabalho (plano de aula, diário de classe e relatórios de alunos), eu realmente me apaixonei pela educação.

Quando saí do PIBID fui fazer um estágio remunerado em uma escola particular e comecei a ter vivências com as crianças da educação infantil. Quando estava no sexto período, comecei a trabalhar, de fato, como professora em uma escola particular. Neste momento, pude acompanhar o desenvolvimento e a aprendizagem de duas turmas da educação infantil e uma turma do 5º ano.

A dinâmica da sala de aula sempre me agradou muito, foi muito importante ter vivenciado a troca de experiências com várias crianças, várias famílias diferentes e várias turmas. Por meio do trabalho como professora eu percebi a complexidade da docência, profissão que eu havia escolhido.

Nessa vivência como professora de uma escola particular, também participei do estágio obrigatório que aconteceram em escolas públicas. A partir disso eu pude comparar as realidades diferentes que existe no ensino da rede privada e da rede pública, e esse distanciamento existe por uma série de fatores. O que as pessoas julgam como “má vontade do professor”, na verdade se dá pela sala lotada, falta de materiais básicos (massinha, papel, EVA, lápis etc.), falta de estrutura no espaço físico das escolas, enfim uma série de fatores que são tão grandes e complexos que vão além do meu conhecimento.

Todas essas experiências sobre a dinâmica escolar, o trabalho em sala de aula com diferentes turmas, a observação e ação em meio as dificuldades de aprendizagem que presenciei durante minha trajetória na escola foram essenciais para o desenvolvimento do reforço escolar mais tarde, das aulas particulares.

Em 2019, por conta da maternidade e dos desafios que ela nos traz, afinal, a partir deste eu não me entendia mais apenas como professora e aluna, surgiu uma nova versão de mim, a versão mãe, e durante esse período de reconhecimento iniciei as aulas de reforço escolar de maneira despretensiosa, na sala da minha casa, com os filhos das vizinhas que procuravam por ajuda nas atividades escolares. Fazia esse trabalho apenas como uma coisa temporária até o tempo que eu estivesse me sentindo à vontade para voltar a trabalhar em uma escola.

Em fevereiro de 2020 fui chamada para trabalhar em uma agência de reforço escolar e aulas particulares atuando em domicílio, ou seja, nós íamos até as casas das crianças para poder realizar as atividades. No início eu trabalhava com o reforço escolar, auxiliando na execução das atividades escolares e realizando algumas atividades para reforçar leitura, escrita e matemática ou reforçar algum outro conteúdo que estivesse sendo aplicado pela professora na escola.

Eu me identifiquei muito com o ensino individualizado, mesmo ainda sendo apenas reforço escolar, procurava ferramentas que pudessem ir além do conteúdo escolar e das tradicionais atividades de caderno e folha. Com a parceria dos pais, sempre busquei maneiras de transformar o espaço de estudos num laboratório e a aula, num momento de experimentações.

Com o fechamento da cidade por causa da pandemia do COVID-19, todas as famílias tiveram que ficar em isolamento, alguns pais começaram a buscar por professoras de aulas particulares para suprir as aulas das escolas e para amenizar os danos causados pela falta das aulas presenciais.

Comecei apenas aplicando alguns conteúdos com base naquilo que estava sendo ministrado pela professora na sala de aula. Com o passar de alguns dias, percebi a real necessidade das crianças e a partir daí comecei a buscar novos recursos de aprendizagem que pudessem ser utilizados a partir da realidade de cada uma. Assim, pude presenciar momentos estimulantes de trocas de experiências com os pais e as crianças, onde, passei a ter uma compreensão prática sobre os transtornos de aprendizagem como TDAH e autismo.

A partir daí sinto que realmente posso transformar o espaço que eu vivo por meio da educação e que este é o meu propósito como educadora, afinal, existe muita beleza no ensino não-formal, que nós recebemos quando éramos crianças, seja pela professora senhora que disponibilizava a mesa da sua casa para ensinar as crianças do seu bairro, seja pela professora individual que outros com mais condições financeiras puderam ter acesso.

Nesse momento eu realmente me encontro como professora, encontro minha vocação, como Rubem Alves (2000) diz “Vocação é diferente de profissão. Na vocação a pessoa encontra felicidade na própria ação”. Me apaixono pelo ensino individualizado, pois nele vejo a oportunidade de proporcionar estímulos a criança por meio de diversos recursos que na maioria das vezes são limitados dentro dos espaços escolares.

A facilidade que esta modalidade de trabalho tem me proporcionado flexibilidade tamanha para que eu possa conciliar a maternidade e o trabalho, trouxeram-me inquietações o suficiente para questionar o porquê dessa área dentro da carreira da educação ser pouco falada dentro do ambiente acadêmico. Tais inquietações foram transformadas na seguinte pesquisa.

Este começo foi necessário para esclarecer a minha satisfação pessoal pelas aulas particulares e o ensino individualizado. Eu troquei a sala de aula por esta vertente da educação, e são os resultados desse trabalho que gostaria de apresentar para vocês.

2.1 AS AULAS PARTICULARES E SUAS PECULIARIDADES

Apesar dessa denominação de ensino ter tomado o foco nos últimos anos, principalmente por conta dos acontecimentos gerados durante a pandemia de COVID-19, os meios de ensino individualizado conhecidos como aula particular, tutoria, mentoria e reforço escolar são termos antigos que existem pela necessidade de entregar ao aluno um ensino que o leve para o centro da discussão e utilizando métodos diferentes aos aplicados na escola, que promovam maior eficácia na aprendizagem daquele estudante especificamente.

Existem uma série de fatores que contribuem para que nem todos aprendam da mesma maneira o mesmo conteúdo, e isso caminha em uma certa normalidade, afinal, não se espera que 30 crianças de uma sala de aula entendam todos os

conteúdos sem nenhuma dúvida, sem nenhuma dificuldade. Este é o cenário perfeito, porém, irreal.

Neste sentido, o ensino em espaços não-formais vem como um suporte para o aluno que não entendeu o conteúdo, para a criança que possui um transtorno de aprendizagem e para a professora da sala de aula que verá a evolução do seu aprendiz por meio dessas aulas.

Este termo: aulas particulares, se refere ao conjunto semanal de aulas que são ministradas por um professor, que geralmente dura por volta de uma hora por dia, respeitando sempre o tempo de concentração da criança. Estas aulas irão sanar as dúvidas, treinar uma habilidade (alfabetização e matemática, por exemplo) ou aprofundar algum conteúdo novo, sempre levando em consideração as reais necessidades do aluno.

As aulas particulares são aulas ministradas em um horário oposto ao horário da escola, podendo ser realizada na casa da criança ou em algum outro espaço que sirva para este fim, e têm o objetivo de retomar conceitos que não ficaram esclarecidos no momento da aula na escola, utilizando outros recursos que venham de encontro com as reais necessidades dos alunos para o melhor aproveitamento da aprendizagem.

Em muitos aspectos se assemelha ao reforço escolar, porém, as aulas particulares não possuem apenas função reparadora, tampouco se limita as tarefas de casa, assim as aulas particulares irão buscar outros meios que desenvolvam no aluno determinada dificuldade. Conforme Araújo:

Com um atendimento individualizado, o reforço tem por objetivo atender a cada particularidade do aluno, seja por problemas de âmbito interno ou externo ao ambiente escolar. O suporte dado vai se desenvolvendo até o momento em que ele assume sua atividade sozinho, quando a presença do mediador passa a ser mera confirmação de que ele está seguindo o caminho certo.(ARAÚJO, 2013, p.19)

Por meio do atendimento individualizado, o foco é compreender que caminhos irão levar a criança a ter melhor aproveitamento de determinado conteúdo, e possibilitá-lo a superação em suas dificuldades em relação aos conteúdos escolares. É necessário que o professor busque diversas estratégias e possibilite um ambiente que favoreça a aprendizagem. Para Carvalho (2009, p. 71) “O professor deve ter ferramentas para apresentar o conteúdo de diversas maneiras, até que o aluno

aprenda”. Ou seja, na perspectiva do ensino individualizado, o planejamento do professor precisa estar voltado para práticas que envolvam a criança no processo de maneira que ela venha aprender o que está sendo ensinado. Por meio da observação e do planejamento, este professor poderá promover a aprendizagem por meio de diferentes recursos. Portanto:

Para isso a professora precisa ser, também, uma observadora de seus alunos. Investigar como cada um pode aprender melhor e perceber os diferentes estilos de aprendizagem, as diferentes capacidades de concentração e os diferentes interesses para saber lidar com a diversidade (PICOLLI; CAMINI, 2012, p.45).

O ensino individualizado possibilita que o professor se mantenha na posição de observador e investigue que caminhos podem ser tomados a partir de tais dificuldades que o aluno enfrenta. Essa mediação leva a criança a ter uma aprendizagem de qualidade, tornando-a parte do processo e levando-a a caminhos que viabilizam a sua autonomia.

A aula particular traz uma flexibilidade que não existe nas escolas, podendo ocorrer no local e no horário que melhor se adequa a rotina da família. O estudante, o professor e a família podem escolher entre o modo virtual ou presencial, que possuem características distintas. Ela é focada no aluno, e, sendo assim, ele estuda de acordo com o seu ritmo, além disso, o professor ensina segundo as carências do aluno, respeita sua forma de aprender e baseia-se nos problemas vistos em cada matéria.

Cada aluno aprende de forma distinta, alguns aprendem vendo slides e gráficos; outros, só de ouvir a explicação já está de bom tamanho. Na aula particular, o professor respeita as diferenças e, portanto, elabora a aula da forma mais produtiva para o aluno. Isso ajuda a melhorar a absorção dos conteúdos e o desempenho na escola. Pois,

Toda criança tem as suas próprias dificuldades, podendo essas ser sanadas por meio de atitudes motivadoras por parte de quem se compromete a ensinar. O educador necessita conhecer as habilidades de cada educando para poder proporcionar condições sadias de aprendizagem (CHRAIM, 2009, p. 33).

Apesar de atualmente este tipo de ensino ter ganhado maior evidência por conta dos acontecimentos nos últimos anos causados pela pandemia por COVID-19, as aulas particulares têm trilhado um longo caminho, sendo muito praticada por professores de música, de física, de química, matemática, entre outros. Muitos a utilizavam como preparatório para processos seletivos de colégios militares, escolas técnicas e vestibulares. Já em 2018, havia plataformas de buscas de professores particulares. Eu mesma, estou cadastrada nos sites Superprof, Profes e Corujitos, onde o aluno ou o responsável realiza uma busca de professores que possam atendê-los naquela região, presencial ou virtualmente.

Historicamente, este tipo de ensino existe desde antes da apropriação da escola como instituição de ensino. Os sofistas, apesar de muito criticados por Platão e Aristóteles, eram pessoas (ou professores) que ensinavam o conhecimento que possuíam em troca de dinheiro. Em outras épocas, era comum que as famílias com maior poder aquisitivo pagassem professores ou tutores particulares para ensinar seus filhos.

Com a propagação da instituição escolar como espaço de ensino, veio junto o estigma de que apenas dentro da sala de aula que pode haver o acontecimento da aprendizagem. Ghanem e Trilla (2008) defendem que a educação escolar é apenas uma das formas de fazer educação:

A escola é uma instituição histórica. Não existe desde sempre nem nada garante sua perenidade. Foi e é funcional a certas sociedades, mas o que é realmente essencial a qualquer sociedade é a educação. A escola constitui apenas uma de suas formas, e nunca de maneira exclusiva (p. 17).

O intuito do professor particular não é, de maneira alguma acabar com a escola, mas sim, compreender que existem pessoas que não se adaptam ao ensino coletivista, nem ao método tradicional de educação que é exposto nos ambientes escolares.

É evidente ressaltar que este modelo de ensino, desde seus primeiros esboços nunca esteve acessível às pessoas pertencentes as classes mais baixas, que não podem pagar para ter um professor exclusivo para si. E é reconhecível porque este acaba por ter que estudar muito mais e trilhar o caminho maior, para assim como eu, tornar-se, professora particular destes estudantes.

2.2 O CUIDADO DE SI EM TEMPOS DIFÍCEIS

Inicialmente, houve um grande estranhamento da minha parte quando me foi proposto narrar a respeito das minhas experiências como professora de aulas particulares, pois não conseguia imaginar como minha trajetória poderia estar alinhada com os conceitos de Michel Foucault a respeito do Cuidado de Si. Neste item, abordo sobre os conceitos em torno do cuidar de si, tomando como base teórica os ensinamentos de Foucault a partir do momento socrático-platônico do cuidado de si do livro “Hermenêutica do Sujeito” e outros autores que dialogam com ele.

Em seus últimos anos de vida, Foucault retoma aos estudos da Grécia antiga pensando no cuidado de si como uma possibilidade para o presente. O autor apresenta o cuidado de si partindo dos ensinamentos de Sócrates sobre o conhecimento de si, que se refere a direcionarmos nosso olhar para a beleza de existir.

Ao longo de minha jornada acadêmica venho tendo vários contatos com diversas formas de fazer educação, pude experimentar o trabalho em sala de aula em escolas públicas e particulares, onde houve uma reflexão a respeito das minhas práticas como professora e atualmente tenho vivenciado o âmbito das aulas particulares que muitas vezes são deixadas à margem ou visto como menos trabalho ou menos jeito de fazer pedagógico.

Essas experiências durante o percurso fizeram-me refletir sobre a diversidade do trabalho pedagógico e quanta beleza há no professorar. Este período de transições e experimentações me fizeram refletir a respeito do cuidado de si e da beleza que há nas diferentes formas de educação.

A respeito do cuidado de si Foucault (2006, p. 11) nos diz que este inicia-se no momento do primeiro despertar:

O cuidado de si vai ser considerado, portanto, como o momento do primeiro despertar. Situa -se exatamente no momento em que os olhos se abrem, em que se sai do sono e se alcança a luz primeira [...] O cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência.

A noção enfatizada no texto traz uma reflexão a respeito do surgimento do cuidado de si como o “momento do primeiro despertar”, nos fazendo enxergá-lo sob uma ótica mais apurada, afinal, o cuidado de si não está limitado a uma fase da vida específica, não é um privilégio de alguns, pelo contrário, o cuidado de si é um princípio para toda a vida e deve ser praticado por todos em todas as idades. Para o autor, cuidar de si é uma “regra coextensiva à vida” (FOUCAULT, 2004, p. 221).

O cuidado de si torna-se um imperativo da relação do indivíduo com ele mesmo que se impõe sobre as outras. Torna-se, então, uma extensão permanente que irá durar a vida toda e se fará presente em todos os momentos da vida (FOUCAULT, 1985), nesse sentido, o cuidado de si realiza-se pela necessidade da ocupação consigo.

Em *A Hermenêutica do Sujeito*, o autor trata essencialmente do conceito de cuidado de si, onde ele divide seu trabalho em três momentos distintos: o primeiro momento denominado pelo próprio autor de socrático-platônico, cujo foco está em *Alcibíades I* de Platão; o segundo identificado como helenístico, onde Foucault buscará sustentação nos escritos de Sêneca, Marco Aurélio e outros estoicos; e por fim, o terceiro momento que se deu a partir do cristianismo e se trata da passagem do ascetismo pagão para o ascetismo cristão (FOUCAULT, 2006).

O autor revela que o cuidado de si nasce pela necessidade de conhecer a si mesmo, e não os digo apenas superficialmente, na verdade, Foucault revela que precisamos conhecer nossa própria alma, que o sujeito da ação se identifica com o divino apenas conhecendo o divino, com o princípio do saber e do conhecimento que o indivíduo poderá reconhecer a si mesmo.

Foucault também compara o cuidado de si como um agulhão, ou seja, algo que faz parte da condição humana, que incomoda e incita ao mesmo tempo. A ideia trazida pelo filósofo nos faz refletir a respeito da importância do cuidar de si na atualidade, e principalmente, durante o exercício da docência. A cultura de si deveria ser como o agulhão, ou seja, uma importante necessidade para um professorar que refleti constantemente e que está em processo de olhar para si, suas ideias, atitudes e escolhas pedagógicas e da vida.

Foucault (2004) diz que o cuidado de si se desenvolveu por meio das “práticas de si”. Esses são exercícios que nos auxiliam na construção de uma ética a respeito de nossa própria existência. Para a atualidade, pode-se dizer que seria como desenvolver um olhar atento ao que afeta o indivíduo, ou ao que faz o seu

corpo vibrar, compreendendo os modos de sentir, pensar e agir. Trazendo para a realidade da prática docente seria como meditar a respeito do seu fazer pedagógico no cotidiano.

O cuidado de si proporciona uma reflexão do educador consigo mesmo, de modo que ao entrar em contato consigo ele também percebe sua relação com o outro fortalecendo os laços de alteridade, tornando o professorar um exercício de autocuidado e de cuidado com outro. Em seus escritos Foucault sugere que o cuidado de si é necessário para entendimento do cuidado com o outro.

O cuidado de si também sugere a relação com o outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso as lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. Assim o problema das relações com os outros está presente ao longo do desenvolvimento do cuidado de si (FOUCAULT, 2004, p. 271).

O cuidado de si requer tempo do indivíduo para poder praticá-lo e imergir em um exercício sobre si mesmo. Nos tempos atuais, com a pandemia do COVID-19, vivemos uma realidade na qual estamos retornando a vivenciar as práticas de si. A obrigação de estar consigo imergido em seus pensamentos têm nos proporcionado momentos de reflexões a respeito de quem somos e de nossas práticas cotidianas.

Posso afirmar que compreender essa ferramenta de autocuidado não é uma tarefa fácil, porém, conforme tenho estudado sobre o cuidado de si, venho compreendendo melhor o quanto professores e alunos necessitam desta ferramenta, não apenas como instrumento de trabalho, mas principalmente, como prática de vida para que se possa refletir a respeito da docência sob uma nova ótica de dinamicidade e vivacidade.

A respeito do professorar, costuma-se pensar em educação apenas pelo ponto técnico, não respeitando a complexidade de olhares e situações que está nos oferece, assim, deixamos de compreendê-la como ciência crítica, passamos a aceitá-la como ciência técnica. Para Larrosa (2002):

Se na primeira alternativa as pessoas que trabalham em educação são concebidas como sujeitos técnicos que aplicam com maior ou menor eficácia as diversas tecnologias pedagógicas produzidas pelos cientistas, pelos técnicos e pelos especialistas, na segunda alternativa estas mesmas pessoas aparecem como sujeitos críticos que, armados de distintas estratégias reflexivas, se comprometem, com maior ou menor êxito, com práticas educativas (p.20).

O autor chama atenção para o fato de haver pessoas que enxergam a educação como ciência prática, e outras pessoas que são críticas e percebem a educação como sendo reflexiva e nos propõe a “pensar a educação a partir do par experiência/sentido” (LARROSA, 2002, p.20).

Ao longo do meu (des)trajeto acadêmico e docente pude observar uma quebra de paradigmas de como eu enxergava a educação antes de realmente ter as próprias experiências dentro deste contexto. Pois, o que via como um roteiro educativo perfeito, hoje olho para as singularidades e em posição lenta, como se estivesse a espreita de possíveis experiências. Ortega (1999, p.32) observa em Foucault, um esforço em “recusar uma visão essencialista do sujeito em favor de um sujeito constituído autonomamente mediante práticas de si”, com essa observação, pode-se afirmar que se trata de um professor não universal, mas como um sujeito que pode construir autonomamente práticas de si. Porém essas práticas de si devem ser desenvolvidas sob o contexto do cuidado de si.

Foucault (2006) nos diz que há um movimento de reflexão e voluntariedade a respeito das práticas de si. Durante minha prática como educadora, pude notar o distanciamento que existe do professor e das práticas de si. Esse pensamento tem-se tornado uma constante no meio educacional, levando em conta o contexto de pandemia em que estamos vivendo. Aos poucos estamos notando a necessidade de voltarmos o olhar para nós mesmos e compreender nossas necessidades e limitações como indivíduos.

O contexto educacional no qual estou inserida é o de aulas particulares, ou aulas de reforço escolar como é mais comum de ser reconhecida. Porém, meu trabalho não está desassociado da escola, pois esta é uma instituição social. Para Cunha (1989):

[...] a importância e significado do papel do professor não dependem exclusivamente dele. Compreendendo que a escola como uma instituição social, reconhece-se que o seu valor será atribuído pela sociedade que a produz. Reconhece-se também, que a importância do papel do professor varia em função dos valores e interesses que caracterizam uma sociedade em determinada época (p. 15).

A escola enquanto instituição social possui uma abrangência e um impacto muito maior do que penso, posso afirmar que a instituição escolar, seja pública ou particular, determina como será desenvolvido o trabalho pedagógico de um professor de aulas particulares. Neste contexto, a dificuldade está em atender as exigências de notas e conteúdo que a escola exige dos alunos e dos professores. Além disso, existe as exigências dos pais que requerem que seus filhos “aprendam”, porém, esse aprender vem associado apenas a notas altas. Essa postura de si faz com que as aulas particulares, em sua maioria, seja apenas uma mera reprodução do que em sala de aula já é visto, e assim, não abrindo espaço para discussões ou reflexões a respeito daquilo que está sendo ensinado e aprendido. É nesse universo das aulas particulares que vivo e no próximo capítulo irei contar e refletir com vocês sobre alguns momentos de 2020.

3 UM PROFESSORAR NO MEIO DO CAOS

“O que espanta não é a loucura que vivemos, mas a mediocridade dessa loucura. O que nos dói não é o futuro que não conhecemos, mas o presente que não reconhecemos”

Mia Couto

Era final de 2019, rumores sobre um vírus na China assustou a todos e se alastrou por vários países. Início de 2020, após o carnaval o Brasil anuncia que o SARS-CoV-2 já estava entre os brasileiros. Janeiro de 2021, houve a pior situação vivenciada em Manaus com a falta de oxigênio em mais um pico da pandemia COVID-19. Muita coisa se passou, muitas vidas ceifadas, esses momentos nos movimentam a aprender mais sobre a vida. Cá estamos, 2022 e sem volta ao que era antes desta pandemia, desde 2020 o caos se instalou e tivemos que parar, olhar, escutar, sentir a potência de estar envolto de tudo isso.

Nesse momento escolho olhar, escutar e sentir a potência do ensino individualizado que antes existia apenas como figurante na educação, e que nesse caos vivenciado, ganhou um certo protagonismo com o fechamento das escolas causado pela pandemia por COVID-19. A crescente preocupação dos pais em ter alguém que pudesse auxiliar seus filhos com os conteúdos das aulas, nas atividades acumuladas e na progressão do ensino foi um fator que corroborou com o crescimento da demanda por aulas particulares.

Com as incertezas que o período pandêmico nos trouxe, muitas escolas foram fechadas, conseqüentemente, tirando o emprego de muitos professores que viram no reforço escolar e nas aulas particulares uma nova fonte de renda. Eu mesma me vi com inúmeras preocupações, pois apesar de já estar inserida nesse contexto, comecei a receber uma demanda que não havia antes, tanto de crianças quanto de conteúdo. Em um determinado momento tive que fechar minha agenda de trabalho, pois não estava conseguindo conciliar a vida de mãe, esposa, professora, mulher e gente.

O contexto pandêmico me fez repensar a respeito dos métodos de ensino que eu utilizava com as crianças, afinal, as crianças saíam exaustivas das aulas virtuais, com professores que não dominavam as metodologias de ensino à distância. Investi

em materiais lúdicos, jogos de tabuleiro, lousa portátil e outros materiais que pudessem deixar minha aula interessante e divertida, segundo Guerra (2021):

Adequar o aprendizado significa ter o foco na aprendizagem do que é mais importante, desenvolver as habilidades socioemocionais previstas na BNCC, reorganizar conteúdos de acordo com a nova realidade educacional, rever e adaptar objetivos. Avaliar e criar estratégias de recuperação da aprendizagem, disponibilizar meios tecnológicos e outros recursos de complementação da aprendizagem (s/p).

Dessa forma, o professor particular compreende que o processo de ensino e aprendizagem não é universal para todas as crianças. E essa compreensão ficou mais evidenciada com o que vivi durante a pandemia. Pois, a pandemia por COVID-19 também “acentuou a diferença entre aqueles que tinham mais dificuldades de aprender” (GUERRA, 2021, s/p). A maior procura de aulas particulares foi justamente de crianças com dificuldades de aprendizagem, pois ficava evidente o quanto as aulas remotas não se adequavam a eles.

Nisto está a importância de o professor particular estar sempre em busca de outros meios de ensino que garantam a construção do conhecimento que se concretizam por meio do cotidiano. Cotidiano este que vibra vida e tudo que ela carrega e nos traz para um professorar que cria existência a tantos outros mundos particulares e singulares de cada criança. E é essa multiplicidade que me possibilita experienciar um tipo de docência, uma docência sensível e singular.

3.1 CRIANÇAS ATENDIDAS E(M) SUAS PARTICU-(SINGU)LARIDADES

“O que nos caracteriza é a nossa capacidade de sermos diversos e de produzirmos diversidade. O grande milagre é que entre bilhões de pessoas, cada ser humano é uma criatura única e irrepetível”

Mia Couto

Durante meus atendimentos, tive contato com algumas crianças que passaram pelas dificuldades das aulas *online* e depois, híbridas neste período pandêmico e a seguir irei refletir à luz dos autores sobre minhas vivências em meio a um professorar. É importante ressaltar que os nomes de todos os alunos foram trocados por nomes fictícios.

O contexto da Pandemia por COVID-19 foi deveras fatigante para toda a sociedade. Trazendo para minha experiência com aulas particulares, foi desafiador em muitos momentos, e em outros foi um período repleto de autoconhecimento e de aprendizagem como professora. Ao conhecer cada criança em sua individualidade, vejo com outro olhar aquilo que eu entendia como desatenção, preguiça, falta de vontade e uma infinidade de estereótipos.

Aprendi que criança é criança sendo rica ou pobre, e mesmo aquelas que estudam nas melhores escolas da cidade não estão isentas de sentir dificuldades, de não achar a escola interessante e de sofrer transtorno de aprendizagem.

Este não é um relato sobre classes sociais. Trago aqui a construção de narrativas enquanto professora de crianças, as vivências das crianças e da professora conduzirão a narração. Assim:

Segundo Dalberg, Moss e Pence (2019), a infância é sempre descrita considerando o tempo, o local e a cultura, com diferenciação de classe, gênero e condições socioeconômicas. Desse modo, é correto afirmar que não existe uma infância natural e nem universal, mas sim muitas infâncias. A criança na perspectiva de muitas infâncias, é considerada como ator social, participando de modo conjunto da construção e determinação de sua vida. Como ator social, é reconhecida como ser com capacidade de interagir em sociedade e de atribuir sentido às suas ações (SARMENTO; PINTO, 2013; SARMENTO, 2005), possui voz própria que deve ser ouvida e respeitada, envolvida no diálogo e na tomada de decisões (DALBERG; MOSS; PENCE, 2019). (SILVA et. al, 2021, p.4).

Trago relatos de crianças que tiveram que lidar com mudanças inesperadas, que de tão abruptas chegaram até a lhe roubar um pouco de sua infância. Essas crianças foram obrigadas a ficar presas dentro de casa, a lidar com a morte de pessoas distantes e de pessoas próximas, foram forçadas a estudar sem ter alguém ao seu lado para lhes orientar. Além das narrativas das crianças, trago também as narrativas de uma professora envolvida em uma jornada de conhecimento sobre o outro e sobre si.

3.1.1 A criança Lucca

Fui apresentada ao Lucca no início de março de 2020, pouco tempo antes do início do período de isolamento social. Passamos 3 semanas tendo aulas presenciais na mais perfeita normalidade, pois ainda não se falava nada a respeito

do fechamento dos estabelecimentos, paralisação das aulas e todas as coisas que vieram após.

Lucca é uma criança que tinha, na época, oito anos, estava no segundo ano do ensino fundamental e estudava em uma escola particular renomada da cidade. A princípio fui chamada para ajudá-lo nas atividades escolares e na dificuldade de leitura, pois este era o seu principal desafio. Já na entrevista, a agência me informou a respeito das dificuldades que havia em decorrência de seu Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), tive uma conversa com a psicopedagoga que já o acompanhava.

Nesta conversa, a profissional me inteirou das dificuldades que a criança enfrenta por conta das limitações de atenção causadas pelo TDAH. Tivemos também um momento em que ela me instruiu a respeito dos recursos que podem ser mais eficazes no trabalho com Lucca. Antes de iniciar as aulas tive um tempo para estudar a fundo a respeito do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e sobre métodos de alfabetização.

Barkley (2002) caracteriza o TDAH como um transtorno no desenvolvimento do autocontrole, marcado por deficiências referentes aos períodos de atenção, controle dos impulsos e ao nível de atividade. O transtorno é principalmente caracterizado pela dificuldade de manter a atenção, seja por agitação ou inquietude, o que muitas vezes pode configurar em hiperatividade e impulsividade. É essencial que a criança seja acompanhada por uma equipe de profissionais que tenham conhecimento clínico da psicopatologia. Os sintomas desse transtorno tendem a “surgir” logo na infância, para Poeta e Neto (2004, p.150):

O Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) é um dos distúrbios comportamentais comumente diagnosticado em crianças [...]. É caracterizado por desatenção, tendência à distração, impulsividade e excessiva atividade motora em graus inadequados à etapa do desenvolvimento. Alguns autores sugerem que os transtornos de conduta também podem estar associados ao TDAH.⁷ Estes sintomas se iniciam antes dos sete anos de idade,⁶ embora a maioria seja diagnosticada após a manifestação destes por alguns anos, podendo-se observá-los em situações como na casa, na escola ou no trabalho.⁸ Muitas vezes, o distúrbio só é reconhecido quando a criança ingressa na escola, pois é o período em que as dificuldades de atenção e inquietude são percebidas com maior frequência pelos professores, quando comparadas com outras crianças da mesma idade e ambiente. Essas crianças mostram-se agitadas, trocam muito de atividades, apresentam problemas na organização acadêmica e dificuldade de manter uma relação de amizade com as demais crianças de sua idade.

Criou-se um estereótipo na sociedade a respeito das crianças com TDAH que são comumente descritas como agitadas demais, como se estivesse “ligado no 220w”, desatentas, desmotivadas frente às tarefas, desorganizadas e bagunceiras, são barulhentas e desobedientes. Acontece que as pessoas neurologicamente típicas apenas destacam as características que mais lhes incomodam e não enxergam os verdadeiros sintomas deste transtorno.

Me armei desses pré-conceitos e fui dar as primeiras aulas para o Lucca. Porém ao chegar, eu observei uma criança bem diferente dos preconceitos que eu havia criado em mim. Lucca é uma criança tranquila, com o comportamento esperado para sua idade, muito cavalheiro e sempre muito dedicado, observei nele uma enorme vontade de querer aprender e desenvolver a leitura.

Nas três primeiras semanas tudo ocorreu conforme o esperado na questão de evolução das aulas. Tivemos um tempo para nos conhecermos, e essa parte é bem importante no ensino particular, pois, uma característica do ensino individualizado é essa aproximação entre educador e educando. Neste sentido, as aulas deixam de ser engessadas e sem interação, onde a criança apenas ouve e reproduz, e o professor apenas ensina e manda para um lugar de trocas, realizando a práxis pedagógica (SEVERO, 2015). Esse espaço das aulas particulares a aprendizagem acontece por meio de diversas ferramentas.

Porém, infelizmente a situação mundial por conta do vírus SARS-COV-2 (Corona Vírus) e com apenas 3 semanas de aulas, tivemos que paralisar nossos encontros. Nos veríamos novamente apenas 2 meses depois e durante esse período, houve grandes mudanças no cenário escolar de Lucca.

Neste tempo, foram tomadas várias medidas de segurança para que as pessoas pudessem se proteger o máximo possível deste novo vírus e de uma pandemia iminente. Dentre tais medidas “o fechamento das escolas resultou de uma tentativa inicial de tentar conter a propagação de um vírus pouco conhecido até aquele momento” (FONSECA et al., 2020 p.30).

Pouco tempo depois a solução encontrada para amenizar os impactos à educação causado pelo vírus do COVID-19 foi realizar aulas remotas que foram organizadas diversos modelos, cada escola fez como achou que seria mais proveitoso.

Ao retornar percebo que tanto ele, quanto sua mãe estão perdidos e exaustos com as aulas remotas. Suas dificuldades de concentração apenas se agravaram pela falta de atendimento especializado, pois, todas as terapias haviam sido canceladas por conta situação de pandemia, principalmente no Amazonas, onde houve um dos maiores índices de mortalidade no Brasil.

Retomamos nossos trabalhos com atividades que para ele eram prazerosas e que mesmo com suas dificuldades o deixavam concentrado, Lucca não é uma criança hiperativa, ele não corre, não grita, ele não pula, e sim, Lucca é biologicamente desconcentrado.

Enquanto pessoas com TDAH que tendem a ser hiperativas possuem um comportamento diversas vezes desafiador, pois, não conseguem se manter parados, o Lucca acaba sendo uma criança que tem como característica do transtorno o déficit de atenção, ou seja, ele tem uma deficiência hormonal de se manter concentrado e motivado em qualquer coisa que não lhe traga prazer e que não seja seu hiper foco. O que eu gosto de dizer é que na verdade, Lucca sabe selecionar muito bem onde sua atenção estará depositada. O que acontece é que a escola se perdeu no ideal de criança concentrada e atenciosa, não permitindo espaços para as “outras” crianças que não ficam o tempo todo interessada em responder infinitos exercícios de leitura.

Nas instituições escolares, a falta de atenção dos estudantes, bem como o crescente número de crianças e jovens diagnosticados com TDAH, explicitam-se nos discursos docentes, em que (des)interesse, (não) aprendizagem e (in)disciplina são matérias centrais. Porém, as próprias práticas pedagógicas contribuem para essa dispersão quando se chega a realizar, por exemplo, mais de dez exercícios de leitura e de escrita em um turno (CAMPESATO; SCHULER, 2019, p.15).

Então para que ele estivesse concentrado nas aulas, além de ter um espaço adequado, eu não podia simplesmente levar 10 páginas de tarefas repetitivas e cansativas para ele fazer. Esta criança fez com que eu me reinventasse como educadora e compreendesse as reais necessidades do educando, tê-lo como aprendiz foi um divisor de águas em minha experiência docente.

Conhecendo-o um pouco mais percebo que seu interesse está voltado para jogos, principalmente, jogos de tabuleiro que tenham perguntas. Mesmo que ele não soubesse a resposta daquelas perguntas, para ele o importante era o jogo em si, e

não, o ganhar. Ele não se importava com o erro ou com a derrota, e sim em jogar, passávamos várias aulas experimentando jogos. Assim:

A criança não é atraída por algum jogo por forças externas inerentes ao jogo e sim por uma força interna, pela chama acesa de sua evolução. É por essa chama que busca no meio exterior os jogos que lhe permitem satisfazer a necessidade imperiosa posta por seu crescimento (ANTUNES, 1998, p.37).

Aos poucos fui desfazendo os estereótipos de normalidade e criança atenciosa partindo para a compreensão de que nenhum educando consegue se manter atencioso a uma aula com incansáveis atividades reprodutoras. A atenção na perspectiva de Foucault (2014) se apresenta como uma conversação na perspectiva do cuidado de si. Que convida a “[...] colocar-se à prova, e, esse colocar-se à prova implica uma relação com o presente, um cuidado e atenção, que é ao mesmo tempo, uma relação paradoxal com o nosso tempo” (GONÇALVES, 2019, p. 8).

A cada aula tive a oportunidade de me reinventar e transformar as práticas num momento prazeroso de trocas de experiência. Conseguimos obter uma evolução satisfatória em relação a leitura utilizando recursos como rimas, memorização de poesias, aliteração, jogos de palavras e sua parte favorita era a leitura de fábulas (leitura realizada por mim). Como se despertasse dentro dele uma vivacidade na leitura, um momento de lembranças, um prazer indefinido.

Prazer do texto. Clássicos. Cultura (quanto mais cultura houver, maior, mais diverso será o prazer). Inteligência. Ironia. Delicadeza. Euforia. Domínio. Segurança: arte de viver. O prazer do texto pode definir-se por uma prática (sem nenhum risco de repressão): lugar e tempo de leitura: casa, província, refeição próxima, candeeiro, família lá onde é preciso, isto é, ao longe e não longe (Proust no gabinete com aromas de íris), etc. (BARTHES, 2003, p. 61).

Ali tornou-se um lugar de reinvenção da aprendizagem do Lucca e reinvenção da professora Renata. Eu tinha informações a respeito do TDAH e algum conhecimento sobre infância, mas isso não é experiência (LARROSA, 2002). É relevante entender que assim como Larrosa (2002) diz, separar a informação da experiência, pois foi necessário para que eu pudesse enxergar à luz das mesmas ferramentas que fossem agregar não somente na aprendizagem de Lucca, mas, também o entender como um sujeito que possui suas singularidades, saindo dos

estereótipos que existem a respeito do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. Assim como desta professora que se (re)forma em ação.

3.1.2 A criança Luana

Quando iniciei os atendimentos com a aluna Luana, ela tinha 7 anos de idade e estava no 2º ano do ensino fundamental. Luana estudava numa escola de tempo integral em um bairro de médio a alto porte, sua mãe procurou as aulas particulares porque ela estava sem aulas por conta do isolamento social e havia uma preocupação, pois, ela ainda não sabia ler e sua mãe não queria que ela “ficasse para trás”.

Durante uma visita inicial seguida de uma conversa com sua mãe, pude observar aspectos da aprendizagem de Luana que precisariam de mais atenção como a leitura, escrita, matemática e inúmeras tarefas de casa que estavam atrasadas porque seus pais não faziam com ela.

Iniciei resolvendo os exercícios atrasados, acabou sendo bem cansativo, mas era necessário preencher essa lacuna. Ao final de cada jornada de tarefas de casa resolvidas eu sempre propus uma brincadeira ou jogo para que Luana pudesse perceber que aprender é bem divertido.

Ao terminarmos as pendências, intercalei os estudos, de maneira que resolvêssemos as tarefas de casa que a escola enviava naquele dia e, em seguida, seguíssimos realizando nossas atividades.

Em uma de nossas conversas ela, emburrada, diz que “não quer aprender a ler”, porque a leitura só serve para ela fazer mais tarefas. A criança havia associado que a leitura com as tarefas e isso tornava o processo muito pesaroso. Segundo o autor “basta contemplar os olhos amedrontados das crianças e os seus rostos cheios de ansiedade para compreender que a escola lhes traz sofrimento” (ALVES, 1994, p. 11). Na verdade, essa é uma realidade que a escola tem transmitido para ela, que só deveria ler para resolver tarefas e provas. Não iria adiantar nada apenas trazer tarefas de reprodução, ela precisava de exemplos dos momentos prazerosos que a leitura poderia proporcionar.

Providenciei materiais com tarefas de leitura e escrita. Durante a escolha dos materiais que seriam utilizados, optei por algo que se mantinha distante de longas tarefas cansativas, cheias de cópias e de infinitas leituras de textos sem sentido,

que tem a finalidade somente de repetir a escrita de uma letra, sílaba ou família silábica (fichas com leituras como: A babá é boa; O bebê babou a babá, entre outros). Não depus minhas fichas em um método específico, pois, nenhum método isolado funciona de maneira autônoma (SOARES, 2016). Eles são um meio e não a finalidade, “como consequência de muitos fatores intervenientes, configuram-se como um processo de grande complexidade” (*Ibidem*, 2016, p. 51). Assim como fala:

Não se pretende aqui destituir as maneiras de ensinar, metodologicamente, a leitura e a escrita que, por vezes, funcionaram. Sem dúvida, foram, e estão sendo, importantes para marcar aquilo que já não serve mais ao pensar nos processos de *um* aprender que os estudantes permeiam nesta contemporaneidade. Tempo de movimento rizomático, onde não existe um ponto de início, meio ou fim. Tempo das tecnologias como artefatos que, muitas vezes, ocupam o lugar da professora, destituindo-a do dever de “transmitir” conhecimento. Cabe a ela inventar um modo de fazer as informações disponibilizadas no meio virtual servirem para “pensar o vivido no campo das singularidades” (CORAZZA, 2011a, p. 6), experimentando formas de expressão na composição de áreas do conhecimento (SCHWANTZ, 2017, p. 17-18).

Já que Luana enxergava a leitura e a escrita como uma obrigação, eu não poderia ir por esse caminho. Então busquei um pequeno material repleto de poesias infantis e leituras que traziam algum sentido em estar fazendo aquilo. Então em nosso momento de aulas eu utilizava essas leituras de poesias, fábulas e contos para trazer para a Luana um sentido a mais na leitura que não fosse resolver atividades. Conforme Bastos (2012, p. 9) “A poesia é uma ótima ferramenta para professores que buscam trabalhar textos significativos, uma vez que é permitido usar de várias formas para alcançar o interesse das crianças, estimulando todos os sentidos”.

Na verdade, eu, professora Renata, tive também que me desprender desse conceito de alfabetização por meio de atividades de reprodução e de cartilhas. O processo de aprendizagem de Luana, na verdade, foi um processo de deliciação da leitura, onde meu objetivo não era fazê-la cantar o “bê-a-bá” todos os dias.

Eu precisava mostrar àquela criança como é gostoso envolver-se no mundo das palavras. “Pois o que vocês ensinam não é um deleite para a alma? Se não fosse, vocês não deveriam ensinar” (ALVES, 1994, p. 10). Esse movimento de ouvir atentamente a vocalização de um poema criou condições para notar que “escutar

um outro é ouvir, no silêncio de si mesmo, sua voz que vem de outra parte” (ZUMTHOR, 2014, p. 81).

Investi bastante na confecção de jogos de palavras, jogos de rimas, entre outros recursos. Luana gostava muito de fazer leitura de trava-línguas, fazia a maior brincadeira, aos poucos poesias como Flor Amarela e Borboletas tornaram-se suas queridinhas, ao ponto de recitar décor. E nesse sentido, a memorização não se trata de uma reprodução apenas, mas sim, da construção do deleite literário e do exercício da memória. Como diz Zumthor (2014, p. 84), “a leitura do texto poético é escuta de uma voz. O leitor, nessa e por essa escuta, refaz em seu corpo e em seu espírito o percurso traçado pela voz do poeta: do silêncio anterior até o objeto que lhe é dado, aqui, sobre a página”.

Em alguns momentos de conversa com a babá de Luana, ela me conta que Luana é uma criança muito sozinha, com pouco amigos, onde a maioria mora em outros prédios e Luana raramente descia para brincar. Ainda mais num momento de isolamento das pessoas, Luana sentia muita falta de estar com outras crianças.

Durante esse período de distanciamento Luana não via outras crianças e passou a cercar-se de adultos em todos os momentos. Corsaro (2011, p.151) destaca que os adultos influenciam na formação da rotina das crianças, tendo em vista que “as famílias desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da cultura de pares na reprodução interpretativa”.

Observando melhor percebo que Luana já era uma criança bastante isolada desde antes da pandemia por COVID-19, ela nunca nenhuma amiga específica ou um primo(a) com quem ela gosta de brincar. De acordo com Corsaro (2011, p. 133) “a noção de amizade diz respeito às atividades compartilhadas observáveis-brincadeiras coletivas em áreas específicas e proteção da brincadeira”.

Como Luana estudava em uma escola de tempo integral o seu tempo para brincadeiras já era bem reduzido, mas com o isolamento social, desapareceu. Noto uma criança triste e emburrada, com um semblante de uma mini adulta.

Meu desafio tornou-se a resgatar essa infância apagada de Luana, da maneira que estivesse ao meu alcance. E sim, com esta criança, minha principal ferramenta de ensino era o jogo, ao ponto de deixar as atividades escritas como um coadjuvante, meu objetivo não era ensinar a ler só para fazer tarefas.

Os jogos têm a finalidade de explorar o conhecimento de maneira divertida para crianças, desafiando-as a enfrentar e a superar os obstáculos de maneira

lúdica. Segundo Huizinga apud Jelinek (1996, p.28) “o jogo é uma ocupação voluntária, exercitada em um tempo e espaço limite, com regras, com sentimento de alegria e tensão com a consciência de ser diferente da vida cotidiana”. Assim:

[...] uma característica do jogo é que este tem um fim em si mesmo, os jogadores entram no mundo lúdico e praticam ações com vontade, às vezes, com extremo vigor, mas sabem que têm garantia de voltar ao ‘mundo real’ quando o jogo terminar (DOHME, 2003, p.21).

Aos poucos, a leitura e a escrita foram ganhando espaço na vida de Luana, sem precisar obrigá-la a fazer um número excessivo de tarefas de reprodução. As mesmas atividades diluídas por meio de brincadeira, jogos, leituras e contação de histórias, se mostraram mais eficazes do que preencher uma cartilha. Sendo assim,

No processo educativo do lúdico, é possível todos agirem e estar presente plenamente, pois a construção lúdica se dá como convivência, que torna fundamental a presença efetiva e afetiva do outro. É fundamental entender, que a ludicidade para a criança, não é apenas prazerosa, mas vivência significativa de experimentações e construções e reconstruções do real e do imaginário (RODRIGUES 2013, p. 49).

Aos poucos, a criança que antes não podia olhar para um caderno ou livro sem reclamar estava entendendo que as atividades fazem parte de uma vida escolar, que não existe leitura só para resolver tarefas e que estudar, às vezes, pode ser bem divertido.

Minha jornada com Luana têm uma pausa após o retorno das aulas em sua escola. A escola de Luana não aderiu o modelo híbrido, quando retornaram, já voltariam com o modelo de aulas diárias e, para o desprazer da criança, em tempo integral. Nos veríamos novamente em 2021. Nesse retorno nós novamente resolveríamos uma extensiva lista de exercícios atrasados, para enfim, depois, podermos ver algum sentido no processo.

Essa prática de acumular tarefas, que vem da sua mãe, só afastam a criança de sentir bons momentos na escola, e de ver sentido naquele processo. Novamente eu encontro uma criança melancólica e muito infeliz por ter que passar um dia inteiro fazendo contas e separando sílabas. “Quanta tristeza pode produzir a frequência em um espaço que diz todos os dias a alguém: você não sabe!” (PARAÍSO, 2009, p. 281).

Não há desejo em seu olhar quando lhe é obrigada a resolver páginas e mais páginas de tarefas. Pelo contrário, cada vez mais cresce a distância que existe entre Luana e a escola, entre o conhecimento, e entre a vontade de aprender.

Vejo uma criança tão pequena que já perdeu o brilho nos olhos pela vontade de aprender, porque para ela a escola só empurrar uma lista de exercícios todos os dias. Não existe desafios, não existe brincadeiras, não existe troca de aprendizagens, ela tem encontrado na escola apenas obrigações, tarefas, trabalhos e cansaço.

Finalizo esta narrativa com um pedido vindo diretamente de Rubem Alves, para que os professores possam se lembrar que outrora eles também já estiveram nesse mesmo lugar que Luana está, que possam enxergá-la como criança, com um olhar de alteridade e ajudá-la a ser feliz:

Vai aqui este pedido aos professores, pedido de alguém que sofre ao ver o rosto aflito das crianças, dos adolescentes: lembrem-se de que vocês são pastores da alegria, e que a sua responsabilidade primeira é definida por um rosto que lhes faz um pedido: "Por favor, me ajude a ser feliz..." (ALVES, 1994, p. 15).

CONSIDERAÇÕES MOMENTÂNEAS...

O mestre nasce da exuberância da felicidade. E, por isso mesmo, quando perguntados sobre a sua profissão, os professores deveriam ter coragem para dar a absurda resposta: “Sou um pastor da alegria...”

Rubem Alves

Do início da minha jornada acadêmica até este momento de conclusão do curso tive um longo caminho percorrido, no decorrer desta formação senti muito medo e muitas vezes, me senti incapaz de chegar ao final. Vi os meus colegas de turma se formarem e cada dia diminuía ainda mais a minha confiança a respeito do meu final.

A chegada da maternidade e o cenário de pandemia fizeram pensar que eu estava mais distante ainda dos meus objetivos acadêmicos. Afinal, não é fácil conciliar a mãe, a estudante e a professora que existe em mim. Este mesmo trabalho levou muito mais tempo do que deveria, onde eu tive que fazer toda uma organização de tempo e sacrifício para poder chegar ao final.

O meu contexto pessoal me fez olhar para as aulas particulares como uma oportunidade de me manter o cuidado comigo em meio a triste situação vivenciada em todo o planeta. Nesta perspectiva, pude compreender melhor os ensinamentos de Foucault e me envolver em uma jornada de (auto)conhecimento e constituição enquanto professora.

Apesar de esquecida, as aulas particulares ou reforço escolar, como queira aderir, possui sim uma forte influência na vida das crianças e dos professores que a praticam. Pois é por meio deste ensino individualizado que podemos compreender a criança em sua essência, livre dos estereótipos criados em torno de um diagnóstico, ou de uma queixa dos pais.

Dessa forma, os aspectos do cuidado de si fluem em meio a construção de narrativas de aulas vivenciadas em um ambiente pandêmico de COVID-19. Durante essas aulas foram construídos diálogos e vivências que contribuiriam na formação de uma professora (re)aprendendo o seu ofício e tornando dele um fazedor de VOC-

AÇÃO, isto é, uma ação do si em meio ao professorar em aulas particulares com singularidades.

Onde o pastor da alegria se materializa ou emerge em seu professorar?

Como caminhas nessa felicidade em meio a suas narrativa em pandemia?

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar** 3. ed. São Paulo: Papyrus, 1994.

ANTUNES, Celso. **Jogos para estimulação das inteligências múltiplas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BARKLEY, R. A. **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): guia completo e atualizado para os pais, professores e profissionais da saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BASTOS, Bruna Virgínia Campos. **A poesia ministrada para crianças do a 1º ao 5º ano: a carência da poesia na primeira parte do ensino fundamental**. Brasília: Faculdade Projeção, 2012.

CAMPESATO, Maria Alice Gouvêa; SCHULER, Betina. Por uma atenção do cuidado de si na escola em tempos de dispersão hiperconectada. **Revista Educação em Questão**, v. 57, n. 54, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2019v57n54ID18942>

CARVALHO, Maria Salete Corrêa. **Dificuldades de aprendizagem**. 2009. Disponível em: <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/dificuldades-de-aprendizagem-1228106.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2022.

CHRAIM, Albertina de Matos. **Família e escola: a arte de aprender para ensinar**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

CHAVES, Sílvia N. Da tomada de consciência à invenção de si: uma trajetória na pesquisa narrativa e autobiográfica. In: FEITOSA, Raphael Alves; SILVA, Solonildo Almeida da (Orgs.) **Metodologias emergentes na pesquisa em ensino de ciências** [recurso eletrônico] / Raphael Alves Feitosa; Solonildo Almeida da Silva (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

CORSARO, W. **A Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papyrus, 1989.

DOHME, Vania. **Jogando: o valor educacional dos jogos**. São Paulo: Informal Editora, 2003.

FONSECA, Rochele Paz; SGANZERLA, Giovana Coghetto; ENÉAS, Larissa Valency. Fechamento das escolas na pandemia de COVID-19: impacto socioemocional, cognitivo e de aprendizagem. **Revista Debates em psiquiatria**, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.25118/2236-918X-10-4-4>

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume. **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.

GONÇALVES, Teresa Nico Rego. Pesquisa(-)formação: composições a partir de experiências de leitura e escrita na universidade. **Revista Educação em Questão**, v. 57, n. 53, p.1-23, 2019.

GUERRA, Gleidis. Um novo normal também na escola. **Aventura de construir**, 2021. Disponível em: <http://aventuradeconstruir.org.br/8936/>. Acesso em: 30 de julho de 2022.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: **O jogo como elemento da cultura**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação [on-line]**, n. 19, p. 20-28, 2002.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 1999.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo, Desejo e Experiência. **Educação & Realidade**. 34(2):277-293 mai/ago 2009.

PICOLLI, Luciana e CAMINI, Patrícia. **Práticas pedagógicas em alfabetização: Espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra; 2012.

POETA, L. S.; NETO, F. R. Estudo epidemiológico dos sintomas do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade e transtornos de comportamento em escolares da rede pública de Florianópolis usando a EDAH. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 26, n.3, p. 150-155, 2004.

RODRIGUES, Lídia da Silva. **Jogos e brincadeiras como ferramentas no processo de aprendizagem lúdica na alfabetização**. Dissertação apresentado no Programa de Pós-Graduação. Universidade de Brasília. Brasília, UNB: 2013. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14200/1/2013_LidiaSilvaRodrigues.pdf. Acesso em 03 de outubro de 2022.

SCHWANTZ, Josimara Wikboldt. **Biografemário de um aprender**: escreleituras em meio à vida. Pelotas: Ed. UFPel, 2017.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, v. 96, n. 244, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/345513545>.

SILVA, M. T. C.; PINEDA, T. F. G.; MIZUKAMI, M. DA. G. N. Narrativas da pandemia: de professora experiente à coordenadora pedagógica iniciante de creche. **Dialogia**, 39, p. 1-18, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5585/39.2021.20623>.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.